

NARRATIVAS DE JOVENS TRABALHADORES SOBRE O TRABALHO INDUSTRIAL NO OESTE PARANAENSE

Antônio de Pádua Bosi¹

Nos últimos quinze anos a instalação de indústrias no Oeste paranaense mudou radicalmente a face desta região. Hoje, mais de 30% dos trabalhadores estão ocupados com algum tipo de trabalho nas fábricas e 80% desses empregos são oferecidos por indústrias onde se manufaturam alimentos, principalmente carne de frango e de porco.

Acompanhando as estatísticas do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) percebe-se que a industrialização do Oeste paranaense tem se notabilizado pela via das indústrias de alimentos, classificadas como “indústrias tradicionais”. Com uma história de pouco mais de meio século, esta região tornou-se desde cedo importante área de produção agrícola e pecuária. Este retrato só foi alterado recentemente. À exceção da Sadia, instalada na cidade de Toledo em 1964, a maioria dos frigoríficos e fábricas de alimentos localizados na região começou a funcionar a partir da década de 1980.

Já é relativamente conhecido que parte representativa desse processo decorre de uma desconcentração territorial das indústrias em âmbito nacional, orientada principalmente para a busca de vantagens fiscais e de uma força de trabalho mais barata, cujo resultado mudou a divisão do trabalho no Paraná (MIGLIORINI, 2006). Nos termos dessa nova divisão regional do trabalho, as indústrias de produção de alimentos, particularmente os grandes frigoríficos, vêm consolidando uma nova paisagem econômica e social no Oeste paranaense.

Um histórico estatístico dessa especialização indica o período de 1985 a 2003 como o mais importante nessa mudança (LIMA, 2007). Com referência às demais regiões do Estado, a indústria no Oeste especializou-se na produção de alimentos ao

¹ É doutor em História e professor associado nos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. É bolsista produtividade em pesquisa do CNPq nível 2.

longo dos anos 1980, com significativa concentração nas micro-regiões de Cascavel e Toledo, onde estão localizadas grandes fábricas de alimentos e frigoríficos.

É neste intervalo de tempo, estendido até o momento atual, que está se formando uma classe operária numericamente expressiva na região. Relativamente ao total dos empregos industriais nessas regiões os índices são relevantes. Com referência no ano de 2008, o número de empregos nas indústrias na microregião de Cascavel registrou 24,6% do número total, e na Microregião de Toledo este índice atingiu 37,4%. Na cidade de Marechal Cândido Rondon, aproximadamente 30,7% dos empregos estão alojados no setor industrial.

Este crescimento também pode ser visualizado numa linguagem estatística, contida na Tabela 1, que amplia este retrato até o ano de 2007. Excetuando a micro-região de Foz do Iguaçu, onde as indústrias de alimento mantiveram uma posição tímida relativamente ao total dos empregos, as microregiões de Cascavel e Toledo apresentaram um crescimento significativo e ininterrupto durante o período de 1996 até 2007.

Tabela 1 – Evolução dos Empregos na Indústria e na Indústria de Produção de Alimentos

Anos		1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
MRG de Cascavel	Empregos – Total	49.145	51.432	53.367	54.921	57.288	62.126	68.083	73.207	79.788	84.333	88.377	94.539
	Empregos - Indústria de Alimentos	2.791	2.778	2.591	2.711	2.779	4.275	4.466	7.102	7.807	8.214	10.073	12.031
MRG de Foz do Iguaçu	Empregos – Total	41.033	43.696	45.391	46.769	47.637	53.069	53.679	56.331	60.566	64.672	67.065	70.266
	Empregos - Indústria de Alimentos	1.858	2.002	2.072	1.410	2.895	3.547	3.972	4.279	4.979	5.344	6.370	6.588
MRG de Toledo	Empregos – Total	36.434	40.813	42.715	44.517	46.200	50.854	54.516	62.575	64.214	69.910	73.774	79.309
	Empregos - Indústria de Alimentos	5.646	5.659	5.347	6.045	7.025	8.612	9.258	9.983	12.108	14.738	15.865	16.734
3 Micro-Regiões	Empregos – Total	82382											244114
3 Micro-Regiões	Empregos – Total	10295											35353
	Em %	12,5%											14,5%

Fonte: Iparides (2009). Organização do autor.

Além disso, extraindo e analisando apenas os dados referentes a essas duas micro-regiões, organizados na tabela 2, podemos visualizar a evolução numérica e percentual dos empregos relacionados às indústrias de produção de alimentos sobre os empregos em todo o setor industrial, com destaque para a micro-região de Toledo. Com 1.182 unidades industriais, a indústria de abate de aves instalada na micro-região de Cascavel é a maior empregadora da região, sendo responsável pela quase totalidade dos empregos da indústria de alimentos (IPARDES, 2003, p.63-64)². Na micro-região de Toledo, predomina o abate de suínos que é responsável por aproximadamente 30% do total dos empregos industriais (IPARDES, 2003, p.65).

Tabela 2 – Evolução dos Empregos
na Indústria de Produção de Alimentos

Micro-Regiões	1996	%	2007	%
Cascavel	2.791	5,6	12.031	12,7
Toledo	5.646	15,5	16.734	21,1

Fonte: IparDES (2009). Organização do autor.

De fato esta recente concentração industrial já conseguiu um lugar de destaque na economia do Estado. Seu faturamento é contado na casa das dezenas de milhões de reais e o resultado de tanto trabalho (carne de porco, de frango, queijo, leite, biscoitos etc.) circula nacionalmente e chega até mesmo em países do Oriente Médio, rendendo dólares que remuneram fartamente esses empreendimentos. Não há dúvidas sobre a relevância desses números. Eles evidenciam uma forte presença operária na composição da classe trabalhadora na região, fato ainda mais saliente dado um contexto de diminuição dos empregos industriais em âmbito nacional, particularmente durante a década de 1990, que destoava do aumento desse tipo de emprego verificado no Oeste paranaense. Também na contracorrente dessa tendência nacional, a região tem registrado um crescimento do emprego formal, principalmente do emprego industrial, conforme compreendido nas tabelas anteriores. Contudo, sobre isso vale a observação feita por Rinaldo Varussa (2006, p.153-154) de que

² Numa divisão regional do trabalho o Sul do Brasil é responsável por aproximadamente 70% de todos os frangos abatidos no país. (UBA, 2007).

O setor industrial instalado na região, notadamente no setor alimentício, tem se caracterizado justamente pelo emprego de trabalhadores com algumas daquelas características identificadas entre os “trabalhadores informais”: baixos salários (o piso se situava em R\$ 400,00, em 2005), pouca exigência de qualificação (a ampla maioria dos empregos criados situam-se nas linhas de produção, no denominado “serviço geral”) e com intensa rotatividade, neste caso, dadas as condições insalubres do serviço, promotor, em muitos casos, de doenças funcionais³.

A sugestão de Varussa indica a necessidade de examinar a qualidade dos empregos industriais “gerados” no Oeste paranaense a partir de uma hipótese de que o trabalho industrial nesta região já nasce degradado. Tanto no caso dos frigoríficos de abate de aves quanto nas demais fábricas de produtos alimentícios, a caracterização do processo de trabalho é dada por uma baixa densidade do capital constante em proporção ao alto índice do capital variável requerido nessa indústria. Mesmo nos frigoríficos onde há máquinas que funcionam automaticamente no corte de carnes, o trabalho manual em operações mais delicadas como a desossa é volumoso. Em síntese, nos dois casos, a maioria dos operários trabalha com ferramentas manuais sob uma rotina que tem sido narrada por eles como repetitiva, monótona e extremamente cansativa, velhos temas das Ciências Humanas e Sociais.

Em tempos passados, especialistas na produção industrial iniciaram esforços para eliminar ou controlar a fadiga dos operários causada por esse tipo de trabalho com a finalidade de obter a maior produtividade possível. Fizeram isso através de estudos do tempo, dos movimentos, da iluminação, da temperatura, da umidade e da ventilação nas fábricas. Diversas estratégias para reestruturar o processo de produção e repactuar a relação dos operários com a empresa tiveram vez e lugar nessas últimas quatro décadas, sob denominações como “toyotismo”, “trabalho flexível”, “kanban”, “just in time”, “terceirização”, “sub-contratação”, “gestão participativa”, etc. (CATTANI et al., 2002), além do esforço ideológico para que o operário “vista a camisa da empresa”, tudo isso efetivamente voltado para intensificar o trabalho e extrair a maior taxa de mais-valia

³ O salário mínimo em 2005 era de R\$300,00.

possível. O fracasso de muitas dessas estratégias no que diz respeito ao propósito de “oferecer oportunidade para o desenvolvimento e a expressão da personalidade” dos operários (SCHNEIDER, 1980, p.224-239), torna a prática dos novos métodos de organização do trabalho fundadas no paradigma toyotista apenas um discurso, além de retumbar em um sem número de doenças ligadas ao trabalho. Mesmo tentativas menos ousadas de reorganização da produção centradas no rodízio de tarefas (para combater o tédio e até mesmo redistribuir o esforço físico para um conjunto maior de músculos) falharam à medida que a monotonia se fez então sentir no próprio rodízio das atividades.

Particularmente os estudos sobre a realocação do trabalho industrial em regiões de incipiente tradição operária (BORSOI, 2005) ajudam a problematizar as abordagens que têm insistido na eficácia dos mecanismos que compõem no todo o Toyotismo. É certo que no que se refere à flexibilidade do fluxo da produção (metas reguladas pelo mercado como, por exemplo, a produção no tempo certo – *Just in Time*), às práticas de sub-locação de trabalho (encomendas feitas em tempo determinado) e à terceirização, há uma disseminação mais ampla desses métodos também nas indústrias tradicionais, caracterizadas por baixa densidade tecnológica.

Contudo, o que muitos desses estudos deixam de examinar (inclusive os que se posicionam criticamente) é o fato de que, além de estarem voltadas para a intensificação da extração de mais-valia, essas novas técnicas de gerenciamento da produção são concretamente vividas pelos trabalhadores, algo que precisa ser examinado de maneira a compreender e explicar a percepção que os trabalhadores formulam sobre tais experiências.

Do mesmo modo, a “história de sucesso” da industrialização do Oeste paranaense, que geralmente aparece contada em artigos científicos, noticiada em jornais e celebrada em festas e eventos políticos, precisa ser problematizada, pois nem todos estão felizes e entusiasmados com tudo isto. Três narrativas de jovens operários possibilitam colocar e discutir este processo noutra perspectiva menos triunfante. Vejamos.

João⁴ foi um dos primeiros operários desse processo de industrialização, empregado num frigorífico desde a sua inauguração em 1994. Ele entrou como auxiliar

⁴ Os nomes são fictícios para proteger a identidade dos entrevistados de qualquer constrangimento ou represália.

geral e fez todo tipo de tarefa prevista para alguém com pouca escolaridade e muita disposição física para o trabalho. Empacotou e carregou mercadoria, foi encarregado da limpeza e aprendeu a cortar a carne do frango. Tornou-se um especialista nisto. Quando lidava com as coxas e sobre-coxas da ave, realizava quatro gestos para cortá-las e separá-las, num total de 68 movimentos por minuto. Esta rotina lhe deixava exausto, mas era recompensada com a possibilidade de economizar dinheiro para comprar uma motocicleta. Depois de três anos conseguiu realizar seu sonho. Também se casou com uma colega de trabalho que conheceu na linha de produção. Juntos, com as despesas divididas, continuaram a perseguir a promessa que lhes foi feita quando aquela fábrica começou a funcionar: disseram-lhes que progrediriam com a prosperidade da empresa. Mas João não foi além da moto. O nascimento de um filho adicionou mais responsabilidades, preocupações e gastos, principalmente gastos. O salário pareceu diminuir.

Se a piora da situação inicial não fosse bastante, começou a sentir dores insuportáveis devidas ao trabalho. Dores no ombro, nos braços, nas costas e em algumas articulações. Frequentou diversas vezes o médico da própria fábrica. As consultas eram rápidas e terminavam com uma receita de analgésicos e antiinflamatórios. As coisas não melhoraram mesmo após realizar inúmeras sessões de fisioterapia. Deixou de ser um “colaborador” naquela fábrica depois de dez anos de trabalho. Recorreu à Justiça contra a empresa alegando ter sido destruído pelos cortes na carne do frango e terminou com um acordo indenizatório, de aproximadamente trinta salários mínimos, e com os tendões “supraespinhal”, “infraespinhoso” e “bíceps braquial” rompidos. Gastou sua indenização com o pagamento de uma cirurgia reparadora que amenizou as dores, mas não restaurou a força e a destreza dos movimentos que tinha quando entrou naquele frigorífico aos dezenove anos de idade. Hoje, com 34 anos, está imprestável para o trabalho. É dono de um corpo sonolento e mutilado do qual se esvaíram todas as forças ao longo de uma década dedicada às jornadas diárias de participação do sucesso empresarial no Oeste paranaense. O vigor moral que lhe restou é animado principalmente pela esperança de que seu filho não repita a sua trajetória, experimentada com um gosto amargo de arrependimento. Além do salário da esposa, que saiu do frigorífico pra trabalhar numa confecção, João complementa a renda da família com bicos incertos que o ajudam também a manter a dignidade.

Cristiano tem dez anos a menos que João. Há quatro anos trabalha num frigorífico, seu terceiro emprego de carteira assinada depois de diversas experiências com ocupações informais. Na escala oferecida por economistas e políticos Cristiano “subiu na vida”. É filho de um pedreiro e de uma empregada doméstica. Com eles aprendeu a cultivar o valor do trabalho honesto e a confiar na promessa trazida pelas indústrias. Vive com seus pais e paga parte das despesas da casa como as contas de água e de luz. O restante de seu salário foi economizado para comprar uma motocicleta Bis, um dos principais sonhos de consumo acalentados por jovens que, como ele, cresceram num bairro pobre e estigmatizado. A estabilidade neste emprego trouxe a expectativa de terminar o ensino médio, uma meta sempre adiada pela necessidade de trabalhar. Matriculou-se num supletivo, mas logo desistiu porque chegava esfalfado em casa, sem energia pra coisa nenhuma. Saía para o trabalho entorpecido pelo sono e esta se tornou a rotina que passou a marcar sua vida: o cansaço. Há um ano procurou o ortopedista esperando se livrar de uma incômoda dor que lhe “queimava” o pescoço. Perdeu a noção de quantas vezes se consultou. Foram tantas que decorou o nome de diversos antiinflamatórios, mas ainda não se acostumou às freqüentes “fisgadas” sentidas também “na cabeça e nas costas”. Mais algum tempo nesta situação e Cristiano alcançará João. Só não se sabe como sustentará sua dignidade e nem de onde retirará ânimo para superar a raiva e refazer o traçado de sua vida quando estiver destroçado.

Willian é o terceiro sujeito desse triste enredo. Tem apenas 20 anos de idade e já completou dezoito meses trabalhados num frigorífico. Seus pais também são trabalhadores com pouca qualificação profissional, cujas limitações materiais lhes impuseram um comportamento deferente e quase conformado com a vida. Separaram-se há poucos anos e o pai converteu-se à bebida, um tipo de conforto nada incomum para muitos daqueles que se curvam diante de tantos maus tratos vividos. Nos filhos, e entre eles está Willian, reside a possibilidade de mudar sua sorte. Willian sente essa projeção feita pelos pais, mas tem suas próprias preocupações compartilhadas pelos demais jovens trabalhadores pobres da região. O salário lhe serve para comprar os emblemas de sua época, roupas de etiqueta, tênis da moda e, é claro, uma motocicleta que dará a ele a impressão de liberdade e poder. Assim como João, Cristiano e outros milhares de jovens, Willian começa a sofrer com o trabalho. Dores musculares, “fisgadas”,

“calores”, analgésicos e antiinflamatórios têm se constituído parte de seu cotidiano. Em pouco tempo escorregará para a posição de Cristiano e depois para a de João.

Manter-se moralmente vivo quando a própria integridade física está ameaçada é o ato final de um roteiro dramático que pressiona cada jovem trabalhador dessa região a desenvolver um papel nesta história triunfante do crescimento industrial no Oeste paranaense. O futuro prometido é simplesmente irrealizável para os que trabalham, mas esta consciência não é amplamente esclarecida. Aliás, não se encontra nenhum traço dela nos discursos políticos ou na imprensa que nos informa sobre a “realidade” e a fortuna de termos tantas indústrias neste lugar. Enquanto isso, gente como João, Cristiano e Willian continuam a encher as filas de inscritos para essas fábricas, perseguindo futuros que não se realizam. A questão a ser desenvolvida a partir dessas narrativas é “Que tipo de *cultura de classe* está se formando nesta quadra histórica, numa situação em que a condição operária, longe de oferecer algum elemento de prestígio, status ou orgulho ligado ao trabalho, parece sugerir apenas repulsa e negação relativamente à experiência fabril?”

REFERÊNCIAS

BORSOI, Izabel C.F.. **O Modo de Vida dos novos operários**. Quando Purgatório se torna Paraíso. Fortaleza: Editora da UFC, 2005.

CATTANI, Antônio D.. **Dicionário Crítico sobre Trabalho e Tecnologia**. São Paulo: Vozes, 2002.

IPARDES. “Arranjos produtivos locais e o novo padrão de especialização regional da indústria paranaense na década de 90”. **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social**. Curitiba: IPARDES, 2003. 95 p. Acesso 29 Abr. 2009.

_____. “BDE-WEB – Banco de Dados do Estado”. 2009. Acesso 17 Mai. 2009. <<http://www.ipardes.gov.br/imp/index>>.

LIMA, Jandir F.. “Dispersão espacial e alocação do emprego nas atividades produtivas das microrregiões paranaenses”. **Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da UNIOESTE**/Campus de Toledo. Toledo/PR, 2007, 21 p. Acesso em 2 Mai. 2009. <<http://www.unioeste.br/mdra/>>.

MIGLIORINI, Sônia M.S.. “Indústria Paranaense: Formação, transformação econômica a partir da década de 1960 e distribuição espacial da indústria no início do século XXI”. In **Revista Eletrônica Geografar**. Curitiba, v.1, n.1, p. 62-80, jul./dez. 2006. Acesso em 29 Abr. 2009. <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/geografar/issue/archive>

SCHNEIDER, Eugene V.. **Sociologia Industrial**. Relações Sociais entre a Indústria e a Comunidade. 2º ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

UBA. União Brasileira de Avicultura. <<http://www.uba.org.br/>>

VARUSSA, Rinaldo J.. “Industrialização, trabalhadores e Justiça do Trabalho no Oeste do Paraná (década de 1990): algumas considerações”. **Tempo da Ciência**. v.13, n.35, p.145-156. Toledo: Edunioeste, 2006.